

MA  
MAGNINATÓRIAS

PERIFÉRICAS

CORPO SUOR  
Beleche e Gutaria

*Gabriela Ângela Moroni*



## **Programa de Pós-Graduação em Educação**

**Gabriela Ângela Moroni**

**MAQUINATÓRIAS PERIFÉRICAS:**

**Corpo – suor, deboche e gritaria**

**DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**



**Pelotas, 2025**

GABRIELA ANGELA MORONI

**MAQUINATÓRIAS PERIFÉRICAS:**

**Corpo – suor, deboche e gritaria**

Defesa de Mestrado apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação e Tecnologia pelo Programa de Pós-Graduação em Educação e Tecnologia do IFSul - Instituto Federal Sul-riograndense.

**Orientador:** Prof. Dr. Róger  
Albernaz De Araujo.

**Pelotas, 2025**



**Membros da Banca:**

---

Prof. Dr. Róger Albernaz De Araujo

(Orientador – IFSul)

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Cecília Oliveira Boanova

(Docente /IFSul)

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Fabiane Olegário

(Avaliador Externo/Univates)

---

Prof. Dr<sup>a</sup>. Tamires Guedes dos Santos

(POS-DOC/IFSul)

## **Resumo:**

Uma dissertação de mestrado que arrasta-se pelos possíveis becos e vielas rizomáticos, tendo como ponto de partida a vila geográfica e escolar, mas que também se espalha pelas periferias do corpo, cabeça e quadris. Utiliza como estrato a Filosofia da Diferença, em Gilles Deleuze e Felix Guattari e como procedimento o Método Maquinatório de Pesquisa. Assim, a investiga-se os resquícios deixados na pele pelas periferias por onde passa uma artista, professora e mulher, na tentativa de retornar aos arquivos de afectos e perceptos, aos saberes periféricos de deboche e de gritaria. Os arquivos aparecem como estratégias de resistência, enquanto permeados pela prudência e pela gambiarra, na necessidade de improviso e de sobrevivência social e acadêmica. Há espaço para a periferia na academia? O que escorre de periférico quando se sai da vila? O que passa quando se parte em cacos a vitrine midiática do que deve ser a vila? O que atravessa e o que escorre de um corpo vileiro, ao tentar conformar-se às regras sociais de comportamento exigidas pela sociedade e escola?

**Palavras-chave:** Educação; Filosofia da Diferença; Maquinatórias; Periferia; Deboche.

## **Abstract:**

A master's dissertation that drags itself through possible rhizomatic alleys and lanes, taking the geographical and school vila as its starting point, yet also spreading into the peripheries of the body, head, and hips. It uses the Philosophy of the Difference, by Gilles Deleuze and Felix Guattari, as a stratum, and the Machinic Research Method as its procedure. Thus, one investigates the traces left on the skin by the peripheries through which an artist, teacher, and woman passes, in an attempt to return to the archives of affects and percepts, to the peripheral knowledges of mockery and shouting. The archives emerge as strategies of resistance, permeated by both prudence and gambiarra (makeshift solutions), driven by the need for improvisation for social and academic survival. Is there room for the periphery in academia? What of the periphery oozes out when one leaves the vila? What comes through when the media's showcase of what the vila should be is shattered into pieces? What traverses and what trickles from a vileiro body, as it tries to conform to the social rules of behavior demanded by society and school?

**Key-words:** Education; Philosophy of the Difference; Machinatory; Periphery; Mockery.

# Sumário

1. A pesquisadora sai da vila, mas a vila não sai da pesquisadora. ....	9
2. Uma esquizo-pesquisa: arte d'um deboche periférico	20
3. Muitas respostas, ninguém a quem perguntar .....	35
4. Devaneios Maquinatórios .....	41
5. Entra-se por um Beco .....	54
6. Um Corpo sem Pudor (CsP) para atravessar a vida...	66
7. Tesão: desejo que, se não move o corpo, atormenta..	82
8. Um monte de não-pode-não-pode-não-pode. Nada pode. ....	97
9. Penúltima Gambiarra – .....	112
10. Como qualifica-se um texto vileiro? .....	114
<del>Como fazer para si uma Máquina de Escrita Periférica (e dizer do que fez!)</del> .....	122
11. Procedimento de Escrita.....	122
12. Referências .....	132

Um texto que se alastra por estes sons:





*Para Dado, Escurinho  
Tio mais bonito  
Um bom malandro  
Corpo Vileiro  
Vida em intensidade*

## **Agradecimentos**

Deleuze afirmava que não se escreve sozinho, e a minha trajetória confirma essa premissa. Por isso sou grata aos agenciamentos que se mostraram possíveis e potentes ao longo dessa “escrevivência”.

Agradeço especialmente ao professor Róger Albernaz de Araujo, que possibilitou meu acesso à linha Maquinações de Pesquisa e minha participação em algumas das mesas mais potentes da cidade – também, mas não somente, àquela de estudos. Sua

confiança permitiu não apenas uma escrita desobediente, mas também uma alegre aventura nômade. Muito obrigada, professor, pela parceria e pelo afeto, aquele do senso comum.

À Zeli da Silva, minha mãe e figura central deste projeto, sinto-me honrada por tê-la caminhando comigo em qualquer estrada, sempre com apoio e amor. Alberto Moroni, meu pai, que me apresentou à leitura e ao universo acadêmico, o que me possibilitou ter sonhado e desafiado esses mesmos mapas.

Gabriel Atkinson ensinou-me que o mundo é pequeno e possível, restando-nos apenas percorrê-lo, movidos pelo amor e pelas ocasiões. Paola Guidobono tem sido uma presença constante e um feliz encontro, desde que éramos duas crianças à beira do portão uma da outra, até hoje, uma das maiores certezas da minha vida.

Ainda outras mãos e corações, laços teóricos, familiares, dançantes, escolares, passaram por estas páginas. Não há palavras que descrevam a beleza da aventura de viver e escrever, escrever e viver com vocês.



**1. A pesquisadora sai da vila, mas a vila não sai da pesquisadora.**

*O dinheiro*

*tira um homem da miséria*

*Mas não pode arrancar*

*de dentro dele, a favela<sup>1</sup>*

Há uma criança, e dentro dela, cresce durante a vida, uma pesquisadora. Havia sempre algum adulto por perto a dizendo para que fosse *Alguém*, e qual o caminho para que isso se formasse. Era esse, um ser quase mágico, adulto, ponderado, dedicado, equilibrado. Inteligente e responsável por cada um dos seus atos. Que aprendeu cada coisa que a escola, a

---

<sup>1</sup>Pedro Paulo Soares Pereira. Negro Drama. Música. 2002.

universidade e o patrão tinham a ensinar,  
que não pedia ajuda a ninguém.

A pequena, por mais que houvesse entendido seu objetivo, percebera que os livros, os quais seu pai dizia que construiriam uma sólida muralha para seu crescimento intelectual, pelo contrário, a tornavam cada vez mais avoada. Estudar muito e ouvir a professora, não a convenciam, mas a tornavam afrontosa e menos sabedora das coisas. Aprender sobre a boa música erudita, apenas a fez experimentar o corpo que lhe preenchia a carne, sem modos. Na contramão do que esperavam os pais, a criança saiu da vila, mas a vila não lhe saía do corpo.

***Pelo jeito, estava estragada.***

Cada casa da “vó” era de um tipo. Interracial, depois veio a descobrir que se chamava assim. Cada parte juntava-se e misturava-se num jogo de mesclar cores e assim a menina ia descobrindo o mundo nem tão preto, nem tão branco onde vivia. Ora orgulhosa pertencente a linhagem ítalo-brasileira, mesa cheia, falando-se não apenas pela boca e cotovelos, mas pelas mãos. Ora da vila, sem modos, de riso alto, deboche sempre pronto. Ora meio-preta-meio-branca, sem uma árvore genealógica que a contemplasse direito. Suavidade rítmica, trepidação de um *groove* na caixa de som, bem alto, caos (Deleuze; Guattari, **MP4**, p. 125).

Pausa. Há então uma gagueira de si, para formar-se uma acadêmica (conceitos, planejamentos, professores, saídas de campo, relatórios, estágio, autores, livros chatos), bem como lhe indicara a família do pai.

***(entre uma risadinha e outra no boteco  
atrás da faculdade)***

A pobre alma, que queria ser escritora e bailarina e dançarina e capa de revista, na ânsia de todas essas coisas, vestida de toga, ouviu que havia se tornado professora.

Ainda não era o suficiente para sentir-se *Alguém*, e por isso, formou-se outra e outra vez. E se perguntava, o que se *forma*, quando se forma um indivíduo? Nada sob seus pés, nem ao redor de seu corpo, nem mesmo em sua cabeça ou nuca. Nada nela formou-se, ao contrário, muito se deformava. *Alguém*, ainda não apareceu.

Os livros a teriam formado letróloga, filósofa, “armas de combate à ignorância humana”, como dizem por aí. Mas embora tivesse aprendido o que diziam os autores e o que diziam os universais, e que diziam que dizia cada um dos seus comentadores, havia deixado de saber do que era importante, potente, vívido.

À medida que aprendia o que falavam as obras, menos as sabia, menos elas a faziam sentir, faziam sentido. Aprendia como deviam ser as pessoas, mas menos conseguia *ser*.

***Um desejo avesso (esquizo?) a  
atravessa: devir-ninguém.***

Criança de riso frouxo, roupa um pouco suja de ter procurado saber o que havia debaixo da cama, escrevendo seu livro em cima da árvore, virando estrelinhas acrobáticas na grama ainda meio molhada de chuva.

Pelos rastejos do trajeto-vida, ramificavam-se desejos por mover o corpo, ser artista e fabular histórias muito loucas, verdades momentâneas. Por ser artista de circo e se pendurar por aí. Afetar e ser afetada por palavras, movimentos, várias luzes piscando, estonteantes, enquanto seu corpo desenrola-se num picadeiro.

Por fim (e início, e meio, e ponto no caos), o delírio, investido num desejo de tudo que houvera antes dela: imagem dogmática do pensamento; fracassou. A carta de alforria jamais chegou. Não havia liberdade, inteligência, independência e concurso público.

Mas formaram-se afetos periféricos, formavam-se, sempre que possível, festa e gritaria. E não que os diplomas na parede a impedissem, mas *deformava-se* quando juntos, num corpo periférico de corpos que se moviam, sem pudor, colados pelo suor. Nos abraços, sopapos e tantas faltas de legalidade resolvidas de maneira não muito santificada, apesar do “nosso senhor” colado na parede da casa da avó.

Num tropeço de viver, pela primeira vez sem mapa, atravessou-lhe a vida um Mestrado, sonho desde que pensava como ser *Alguém*. Agora, numa nova cidade, atreveu-se a desafiar o correto, o premeditado, num ímpeto de coragem, vontade de experimentar, Vontade de Potência. Abandona, então, livros, palcos, casa, família, para viver, não apenas um amor, mas uma grande aventura. Dançarina, resolve dançar a própria vida. Deixou que a levasse, um desejo esquizo, doido, despirocado.

## **2. Uma esquizo-pesquisa: arte d'um deboche periférico**

*Anjos e demônios me falaram, vamo  
E no giro do louco nós fomo<sup>2</sup>*

---

<sup>2</sup>Danilo Albert Ambrosio. Ponta de Lança. Música. 2000.

rasura no canto da página de um edital.

custa tentar?

destino

desatento

se ramifica

sem querer

aceite em um curso de mestrado

longe de casa

o que afeta?



Rua dos Andradas,  
Um chopp,  
boa inspiração.  
Conversas,  
risadas,  
amor e afeto periféricos,  
encontros, saídas, risadas altas.

Negritude,

racismo,  
feminismo,  
Mulherismo africana,  
Ancestralidade.

Uma fogueira latente, inflada pelo vento da ânsia capitalista neurótica (Deleuze; Guattari, **AE**, p. 105), ir atrás de ser *Alguém* ainda atravessa cérebro, ossos, mãos e escreve, rabisca, tomada pelos anseios, pelo que se formara em seu corpo, pelos seus arquivos periféricos, cérebro e corpo. Escorre.

Indignação de quem carrega seus devires, todos menores: ninguém, professora, artista, vileira, brincante das palavras, letras e corpo. Ressentimentos.

Sem querer, numa gambiarra coreográfica da vida, tocado pelo título “afeto”, em meio a um corredor desconhecido, esbarra o corpo-pesquisadora num corpo-orientador: improviso (Deleuze; Guattari, **MP1**, p. 21)

***Pedra no caminho: a Filosofia da  
Diferença (Deleuze, DR).***

Relações se agenciam, pontos de interrogação atravessados por todos os lados. Risos frouxos e lágrimas nervosas, encontra uma pesquisa que já começa perdendo seu nome, num ritual diabólico (Corazza, **FIE**, p. 21) de destruição e desgoverno, arranhado, descompassado e todo torto.

Doutorandos, Deleuze, IFSul, Máquinas desejantes, Praça XX de Setembro. Tudo ao mesmo tempo. Caos. Um outro ritmo, uma nova dança, perder-se numa nova aventura de devires.

Desencarrilha uma pesquisa-máquina desejante, um devir-pesquisadora, queima os trilhos, e deixa para trás uma relação de pesquisa e um cheiro de ferro.

Na casa mofada da avó preta onde são permitidos os rasgos, desafinos e inconveniências, novas perguntas vão surgindo, conceptos periféricos (Deleuze; Guattari, **OQF**, p. 25), nos abraços e enfrentamentos à vida. Lá, onde quase tudo é *deformação*, improvisos tornam-se mais potentes: de dança, de palavras, de gestos, do corpo e de som. Gambiarra.

Uma pesquisa espia pelas coxias do palco, o gelo seco sopra, prende-se o ar nos pulmões, a vida em “n-1”, penúltimo gole (Deleuze; Guattari, **MP1**, p. 43).

***Qual a potência do afecto***  
(Deleuze; Guattari, *OQE*, p. 193)  
***que afeta a periferia?***

Como se alastra uma sabedoria que escorre dum corpo vileiro? Samba e zomba da vida quando se disfarça de um sujeito comportado, que se ri por dentro, que não se deforma pelos conhecimentos teóricos, por pura falta de paciência para tanta in(forma)ção.

Bate o cartão, guarda no bolso do uniforme uma batucada que não sai da cabeça, *Tim dum dum, tim dum dum*. Por dentro da camisa abotoada, ferve o sangue, alma em fogo. Prudência (Deleuze; Guattari, **MP1**, p. 13), disfarçada de guarda-pó.

Sou porra louca,  
mas também sou dedicada,  
eu tenho alma de pipa avoadá<sup>3</sup>

---

3 Ludmila Oliveira da Silva. Verdinha. Música. 2019.

Se há, uma literatura menor (Deleuze; Guattari, **LM**, p. 36), há outra ainda menor, desafinada, incômoda, potente e difícil de se enxergar, que se ramifica (Deleuze; Guattari, **MP1**, p. 17) por baixo da terra da vila, das telhas e da pele. Não liga para o que não pode ser dito, não desencana a realidade, porque não liga de se sujar.

Deixa abertos poros, existências, para que se atravessem máquinas. Rasga a vida em intensidade, libidinal, talvez um pouco de saúde (De Araujo; Corazza, **MMP**, p. 79) : política poética da periferia, Arte do deboche. Saberes gritões, estabanados, periféricos tensionam conhecimentos moleculares (Deleuze; Guattari, **MP1**, p. 69) acadêmicos. Qual fôrma transforma o vileiro em um *Alguém*? Algo que lhe deforme? Descontrolam-se, estremecem.

Precisa a vila de argumentos científicos?

***Ela gargalha alto.***

Esta dissertação de mestrado, justifica-se pelo despirocamento dos universais, que se derrama em um deboche formativo acadêmico: torto, mas bem formatado, debochado, mas bem trajado, para que

outro berro estenda seu eco e profane um pouquinho  
mais a universidade.

Entre o tá e o tiro. Um filme de apelo e outro de morte. Uma mídia sagaz constrói cuidadosamente a vitrine do que é a periferia.

Mas é outro dia igual, outro ônibus lotado, chinelos no frio, patrão filho da puta. Pausa no final de semana pra tomar uma gelada. Ciclo Neurótico e fugas, gambiarras aqui e ali, há sempre algo a resolver pela esquizofrenia da vila.

***Pedrada na vitrine.***

***Cacos por todos os lados.***

Dados rolam pela mesa, pelo chão, rodopiam, caem na rua empoeirada. Entre um número e outro número.

### **3. Muitas respostas, ninguém a quem perguntar**

*Professora, me desculpe*

*Nada contra ti*

*Não me leve a mal*

*Quem descobriu o Brasil*

*Não foi Cabral<sup>4</sup>*

---

<sup>4</sup> Carolina de Oliveira Lourenço. Não foi Cabral. Música. 2016.



Um mapa numa folha de papel, rasgada de uma folha de jornal, amassado. Plano de Aula: um beco, sem saída. Para cada corpo-vileiro que a escola teima em enformar, escorre um pouco da vila que lhe preenche. Para onde corre a gota que sobra? O que lhe acontece?

Olha para trás, uma professora percebe o quanto foram os afectos e perceptos (Deleuze; Guattari, **OQE**, p. 80), arquivos que levava em seu corpo, desde antes de suas formações, que a carregaram e criaram caminhos em sua prática pedagógica. Estudar e estudar, conhecer o nome de todos os autores, apenas a afastava dos seus afetos. Então, o que lhe deformava, enquanto se formava?

Muitas foram as arquivizações (Aquino; Do Val, **UIA** 2018; De Araujo; Santos; Motta, **MA**, 2023) de momentos-escola em que, no improviso de uma aula, de um período que não fora planejado, ou na administração de um embate - cadeiras voando, gritaria - algo de antipedagógico ocorreu da professora, que monstruosidade (Corazza, **FIE**, p. 29) tomou seu corpo?

Aconteceu. Histórias foram escritas nas paredes do banheiro, lágrimas de raiva na declamação de um poema.

A universidade parecia não ser o melhor lugar para explicar o que aconteceu, o que lhe escapou, quando uma gambiarra pedagógica dava conta do que não se sabia como conceituar. Do que se chama o que não se chama? A que sábio perguntar? E por que, maiores afectos (Deleuze; Guattari, **OQE**, p. 193) criavam-se quando as teorias não eram aplicadas (Corazza, **BS**, p. 13)?

***O que houve na periferia da aula?***

***Não era isso que diziam os autores.***

***Rap batucado na mesa da sala.***

***Arte ou não Arte?***

***Literatura ou não Literatura?***

***Aula ou não Aula?***

***Quem define como se chama cada uma delas?***

***Qual o autor da pedagogia do***

***Deboche?***

***Planejamento da Gambiarra?***

*A professora aperta a gente demais, é obrigado a inventar umas respostas. Olha, eu que não vou ler aquele texto, ela tá pensando o quê? Aquela vaca! Não vou pagar pra ir na aula, e se for de graça, não vou também. Não sou obrigada. Professora, dá pra comer na aula? Ai, olha ela pedindo silêncio outra vez? Vamos fazer um abaixo-assinado? Ela é doida! Que bruxa! Essa aula não termina mais! A gente só tá aqui conversando uma coisa importante. Caralho, eu não sei a porra da resposta. Eu ainda não escrevi essa parte. Será que vale nota?*

#### **4. Devaneios Maquinatorios**

*Indivíduo orquídea só morre  
se o porco é a sucessão  
e a vespa dupla relação  
que não serve nem pro homem*

*só acontece essa obra*<sup>5</sup>

---

5 Anotação desatenta de aula, periferia de uma página de caderno, arquivos soltos. 05/11/2024.

Há de sair da vila para entrar em uma escrita? Caberia a periferia na academia? Agenciamentos infinitos, todos juntos ao mesmo tempo, caos (Deleuze; Guattari, **MP1**, p. 18), agitam uma máquina-corpo, arquivos, periferia-pesquisa. Uma desgraça de uma batida não para de agitá-la para lá e para cá. Um **desejo** (Deleuze; Guattari, **AE**, p. 11) de periferia. Embarca-se numa aventura maquinatória de pesquisa. (De Araujo; Corazza, **MMP**)

Pesquisadora de uma (não-)pesquisa, em mais um lugar formal. Vileira, periférica, professora. Um ponto no caos, uma cartografia sem mapa, desvios, escrelaturas (Corazza, **ES**, p. 1031), maquinações. Uma máquina de guerra (Deleuze; Guattari, **MP5**, p. 11) passa por cima de sua cabeça. E índices indicam arquivos, que se alastram não se sabe dizer para onde.

Um primeiro movimento: Tocar nas matérias, arquivos. Há de acontecer de não querer ouvir-se

nada do que lhe fora dito. Estudo tradicional, educação escolar, muitas curas nos manuais, pedagógicos, bíblias, regulamentos da escola, para a aula, para o professor, para o aluno, especialmente aquele “problema” e para a professora incapacitada, que não dá conta do conteúdo - a que passa todo mundo, a que reprova todo mundo, a que não entrega os planos de aula. Coisa de, só no Brasil, desde 1500 se tentar resolver.

E não é que não se tenha curado nenhum aluno problema. É provável que muitos deles tornaram-se educadamente calados, dentro de seus uniformes, com cadernos cheios e coluna ereta. Conjugaram os verbos na segunda pessoa do plural e entoaram os versos bem ensaiados de Camões.

Interessa pesquisar, porém, os desafinos, os gemidos, os resmungos. Onde se escondem os ruídos, e a raiva e as paixões do que fora enquadrado? O que se aprende da periferia, o que um corpo torna

periférico em si para enquadrar-se? Para onde e com que consistência escorre a vila em cada um?

O que uma pesquisa solta na favela, sem hipótese, que pretende “deixar ir indo” pelo que sobra das fôrmas, das formações e dos formatos escolares, sociais, familiares tem para compor com a escola e com a vida? O que caminha através dos desejos que escapam ao que é dizível? Através do que é diabólico (Corazza, **FIE**, p. 29), dos restos?

Mergulha-se num desejo de pesquisar o que passa nas escolas de periferia? Ou seriam nas periferias da escola? O que respinga das periferias do corpo? Da vontade? Uma escrita motivada pelo desejo, sem mapa prévio, articula-se ao Método Maquinatório de Pesquisa (De Araujo; Corazza, **MMP**) para compor com o que vai ramificando-se pela trajetória da escrita, sem uma hierarquia que determine qual o regime de verdade que se estabelecerá, nem mesmo o que surgirá pelo

caminho, antes de adentrar pelas vielas e sentir seu cheiro.

Como procedimento, observa-se, a partir de então, uma (po)ética periférica, gambiarra. Um modo de pesquisa através dos desajustes e aparentes buscas de socorro, mas que, são possibilidades de saúde, de desejo, de potência de vida (Deleuze, **NF**, p. 67): Potência de Periferia.

Como rizomas (Deleuze; Guattari, **MP1**, p. 20), aparecem aqui e ali mais caminhos por onde acompanhar um texto. A vila geográfica vai perdendo os contornos e os becos, antes sem saída, vão ganhando espaço, intensidade, ladeiras, buracos, escadas. Uma favela onde aparecem novas casinhas, em cima de outra, em cima de outra, em cima da outra, onde antes nada havia, e lá no topo, uma piscina, frescor: caixa d'água.

Toca a vila uma **Crítica Sintomatológica** (De Araujo; Corazza, **MMP**, p. 75) que deforma uma pesquisadora na qual pouco se formou quando se

formou. Algo passa quando parece que nada pode, nem desobedecer. Algo se aprende na vila? Ela fica grudada na pele feito sarna, nada a cura? Há um espelho a qual se deve, uma vitrine midiática, cinematográfica, musical, artística, social.

Uma periferia simbólica, geográfica. Lá fica a favela. Morros, vielas, pessoas com pouca roupa, toca um funk bem alto, não se identifica bem onde. Mas na vila é frio. Chinelos e calças compridas, casacos encardidos, rua sem calçamento, lama. Mofo por toda a parte. De resto, a mesma coisa.

Numa **vitrine sintomatológica**<sup>6</sup>, a fala triste sobre o que se vê, o que se tem. Ouve-se um rap sobre um presidiário, “faltam só 1 ano, três meses e uns dias”<sup>7</sup>. Uma favelada escreve em seu diário sobre mais um dia catando lixo<sup>8</sup> e um filme famoso

---

6 Agenciamento com Crítica sintomatológica (De Araujo, MMP).

7 Pedro Paulo Soares Pereira. Diário de um Detento. Música. 1997.

8 Jesus, Carolina Maria de. Quarto de despejo: diário de uma favelada. 2014.

denuncia a violência policial nas favelas (aquele medonho, da faca na caveira<sup>9</sup>). “Eles querem um preto com arma pra cima, num clipe na favela gritando: Cocaína”<sup>10</sup>. Num lugar aonde não chega nem saneamento básico, não chegará nem cultura, não chegará amor.

Família brasileira, dois contra o mundo  
Mãe solteira de um promissor vagabundo

Luz, câmera e ação, gravando a cena vai  
Um bastardo, mais um filho pardo, sem pai  
Ei, senhor de engenho, eu sei bem quem você é<sup>11</sup>

Diariamente alguém resolve o problema da favela. Doações não param. Voluntários ensinam ballet e violino, a ensinam a apreciar Machado de Assis. E as bailarinas aprendem *chassés*, enquanto também dançam o passinho. E tocam funk em cordas. Quando se escreve um soneto, sai um rap:

---

9 Filme *Tropa de Elite*. Direção de José Padilha. 2007.

10 Diogo Álvaro Ferreira Moncorvo. *Bluesman*. Música. 2018.

11 Pedro Paulo Soares Pereira e Edivaldo Pereira Alves. *Nego Drama*. Música. 2002.

não há o que lhes tire a favela do corpo. Ganha-se a medalha de ouro<sup>12</sup>, ao som de Baile de Favela<sup>13</sup>, há algo que escorre de **saúde**, em cada tentativa falha de salvar a favela.

O que a periferia *paragrafa*, escreve de sua autoria, do que transborda em cada página de Assis? Que coreografia se aprende quando dá as costas, a professora de ballet? O que há desenhado por dentro da capa do caderno de Filosofia? Um grito, palavrão, dancinha e gesto sem sentido, efeitos de arquivos que discretos ou não, fazem transbordar uma poética, dos saberes periféricos.

Parece uma questão de desmonte. Uma risada debochada rompe o silêncio, constrangendo a formatura da academia e o discurso do reitor. A

---

12 Rebeca Andrade, moradora da periferia de Guarulhos, SP, ganhadora da medalha de ouro no solo da Ginástica Artística, nas Olimpíadas de Paris, 2024.

13 João Israel Simeão, Baile de Favela. Música. 2016. Johann Sebastian Bach. Toccata and Fugue. Música. 1707. As músicas foram mescladas durante a apresentação da atleta nas Olimpíadas citadas.

cerimônia do Oscar não é respeitada por uma piada de péssimo gosto. Perifericamente ela desgraça o que toca, um a um. Fantasia-se um comportamento muito aceitável, mas quando se tira o uniforme suado, escorre pelo corpo um agito insuportável por viver.

Quando um Bart Simpson castigado dia após dia, reescreve no quadro, como penitência, uma promessa do que nunca mais fará. Porém o subverte, deleita-se de sua própria poesia do deboche, enquanto descumpre em sua de sua potência de vida e alegria (De Araujo, Montoito, **ALH**, p 194). Sem se opor ao castigo, Bart, cotidianamente, deixa escorrer de si, sua periferia. Displícitamente.

Há ainda, algum signo mundano (Deleuze, **PS**, p. 6), não-simbólico na perifa? Algo que não tem nome, nem conceito, que, além de geográfico, cria os corpos sem órgãos de cada relação, estejam onde estiverem. Será que mora o CsO na gambiarra? Na

resistência e nos pequenos jeitinhos de “fazer como eu quero”?

Um desejo sem nome transborda, ainda que se vista o terno, e se pague o ônibus e fique calado na sala de aula. Ri-se por dentro, como **clínica maquinatória** (De Araujo; Corazza, **MMP**, p.79) numa vida de incertezas e (des)graças, (sem)graças. O que há de afecto, de alegria, de deboche que permite que se levante de manhã, sem dinheiro algum no bolso, sem fê nenhuma no trabalho, e sinta um pouquinho que seja de gosto pela vida?

Se há alguma coisa que relaciona uma periferia simbólica, de uma não-nomeada, deve andar pelos lados do desejo, do corpo, da fala, do desacato e da displicência. Em cada *ah, foda-se*. Entre um *tá* e um tiro. uma menor periferia poética aparece. A cada erro no salto da acrobata, cada risada solta no meio do discurso, transborda um tantinho de **saúde**. Na vila, parece, os corpos importam-se menos em manter-se rijos. As bocas

sem dentes querem mais é gritar, resolve-se na navalha, não apenas pela cultura de uma violência sistemática, mas por uma intensidade, que não precisa se esconder. *Corpos sem Pudor (CsP)*.

E por mais que a vida repita e repita e repita, uma musiquinha cantarola lá no fundo da mente, uma suave dancinha queria balançar-lhe o quadril. Há sempre uma professora rindo ou gritando por dentro. Há sempre uma porta por onde se pretende fugir num dia de correção e comportamento. Um descontrole à espreita, cheio de uma delícia de não fazer o que se deve.

Um gesto toca a periferia; transporta-a até a academia. Como se comporta o que não comporta a si? Como se fala de amor na vitrine da tragédia? Sustos, cheiros, sons. Um gosto na boca. Durante todo o dia esconde-se aqui e ali, manifesta-se numa coceira pelo corpo e uma inquietação diferente, dói, aperta, não acha no que, onde.

Formiga no corpo um **desejo sem nome**, sem definição. Não sei de quê. Abre-se os olhos, traça-se uma nova linha, em meio a tantas máquinas, maquinações, maquinatórios que agitam, movem seu dia, momento, horário. Há um tudo de coisas a se pensar, a serem feitas, influenciadas, ditas, vividas, anotadas em algum lugar que não lembro onde.

## 5. Entra-se por um Beco

*Sabe que se entrar não vai mais sair  
Que tal eu e tu fazer um furduncin<sup>14</sup>*

---

14 Gabriel Florêncio Peixoto, Daniel Garcia Felicione Napoleão, Paulo Cesar Colombo. Furduncin. Música. 2023.

Casinhas se alastram pelas beiradas dos arroios, dilatam a borda das cidades, devir-aranhas, costuram suas teias pelo do caminho, ocupam espaços, criam trajetos, limpo-sujo-limpo-sujo. Misturam-se desorganizadamente. Há morte e vida sem arranjo, nem debate. Aprende-se conforme vivem, debruça-se, através dos dias, no que lhe parece mais necessário.

Assim como na margem da folha escreve-se o próprio discurso, grito de liberdade e na borda da cama espalham-se as roupas sujas e os corpos cansados, a periferia da cidade esconde o que lhe sobra do centro. Aparece, estranhamente, de vez em quando, e esconde-se sempre que se pode. Na periferia do corpo, também se camuflam segredos obscenos, espasmos, barulhos. Voz visceral.

Tensionamentos borda-centro tecem lindas e catastróficas combinações de admiração e violência. Pessoas e cachorros passam para lá e para cá na

brincadeira de uma tolerância debochada. Moda, música, fofoca, conversa. Línguas, corpos alastram-se, transmutam-se, trocam de lugar.

A vila banha o corpo vileiro, gruda-se, incrusta-se na pele e não descasca com um banho de loja, uma escola cara. Ela transpira num dia de ressaca da vida, de olhos fechados e de corpo e cabeça cansados. Chega a doer uma batida dentro do peito que desmancha uma pose na mesa de jantar, onde não se pode apoiar os cotovelos. A periferia da mesa esconde a mão que passa suave e discreta em uma coxa alheia. Um pé desonesto cutuca a perna de outrem. Guarda-se mais um doce no bolso. As periferias escondem, acolhem os pecados, segredos e não-podes. Uma meia-noite de intensidades (Nietzsche, **AFZ**, p. 300) .

Um corpo-vila sem órgãos (CsP) passa aos berros, juntando o que pode da vida, jogando para outras periferias o que não lhe interessa, alastramento, desdobram-se em vilas, de vilas, de

vilas. E na potência de sua trajetória, vai inventando novos modos (De Araujo; Santos; Motta, **MA**, p. 5) de ser. Surge, some dos espaços: barulhento e incomodativo. Arranha os céus, sustenta um berro no ar, mostra a pele, como não pode. Quem pode o que pode? Quem decide o que se pode? O que um vileiro mais pode, é poder: Potência de Periferia (Deleuze, **NF**, p. 67). Espaço para a não-ordenação, há poucos estratos (Deleuze; Guattari, **MP5**, p. 191) na gambiarra vileira.

Quando eu tô na base, tu sabe que é aquilo  
Ritmo envolvente, tu sabe que tem  
Sobe a favela, quer correr perigo  
Convoca as amiga pra piar também<sup>15</sup>

A marginalidade não se reserva em seu espaço, sempre há uma sobra, uma sombra. E quanto mais escorre, mais é vista e mais encaixes e desencaixes cria. E a cada teoria acadêmica da mais alta

---

15 Lennon dos Santos Barbosa Frasseti e Gabriel Florêncio Peixoto. Sei Que Tu Gosta Muito. Música. 2022.

hierarquia que lhe põe um nome difícil e um conceito filosófico, tentando explicar o que é, desata-se outro grito bem alto, uma risada incontrolável ou um resmungo ao chegar num casebre na casa da família. O certo e o errado não nasceram mesmo ali, mas rendem boas piadas.

Cada periférico acadêmico, *favela que venceu*, funk, mpb, guarda uma lama caótica<sup>16</sup> no fundo do pote, de potência de deformidade. Há no fundo da fôrma, um lodo borbulhante dormente, sempre pronto a ferver e extravasar, correr pelas bordas. Há pouca quietude na aparente ordem, e há gritos esquizos em cada silêncio. Um rizoma de deformidade nasce de cada formatação periférica. Há um novo e outro novo deboche.

Peguei um balaio, fui na feira roubar tomate e cebola  
la passando uma véia, pegou a minha cenoura  
"Aí minha véia, deixa a cenoura aqui  
Com a barriga vazia não consigo dormir"

---

16 Francisco de Assis França. Da Lama ao Caos. Música. 1994.

E com o bucho mais cheio comecei a pensar  
Que eu me organizando posso desorganizar<sup>17</sup>

---

17 Ibidem.

Na vila, não é lugar para gente decente. Fora dela, não se deve estar, não há espaço para gente desse tipo. De tanto não-lugar, um ziguezaguear pelo caminho que fora estabelecido pelo “um”, pelo falo, trajeto conhecido e tracejado. E nessa estrada de indo e vindo, e tantos “puta-que-paris”, caminhando e recaminhando em seu próprio deserto, formam-se pequenas ruelas e becos, linhas de fuga (Deleuze; Guattari, **AE**, p. 372) em casa, no boteco, ônibus de manhã cedo, quando pequenas máquinas desejantes e deslizantes vão chacoalhando a mente, revirando a marmitta igual a de ontem, suando um corpo-mente-vila, febril.

- ***Professora, não vou estudar porque quero ser traficante. - risadinhas ao fundo da sala.***
- ***E lá vai ser traficante e burro?***

É preciso ser um pobre estudioso: é revolução, disse o CEO sentado em uma cadeira de prata. Há saúde na periferia em suas próprias gambiarras, em cada giro descompassado do B. Boy, em cada verso improvisado do MC, gato no poste de luz. Há rima, há *swing*, há ritmos periféricos de vida na rafuagem.

Bang, bang, não me perturba  
Vou tacar fogo em mais um  
Só pra não ficar maluca<sup>18</sup>

Ninguém precisa salvar um vileiro.

---

18 Ludmila Oliveira da Silva. Verdinha. Música. 2019.



Há sempre um falo no meio do caminho.

No caminho do texto, no caminho da aula,  
no caminho do grupo.

Não se lê o bastante?

Não se fala o suficiente?

Quanto de falo há num julgamento,

numa palavra?

Ainda que esteja mole, lá está,

apontando a direção, mesmo que torta.

Falos acadêmicos, falos literários,

falos dialógicos nos diálogos.

Há sempre uma batalha, tensionamento.

Não há descanso.

Quem leu todos os falos?

Quem publicou em todas as pirocas  
acadêmicas?

Desenhou seu piruzinho em cada periódico  
*Qualis A* da nação?

E disse: este é quem sou: faludo.

Olhem aqui: um novo peru.

E quem anda bambo?

E nem há força pra enxergar?

Bêbado demais pra ver? Uma vida dura  
embebeda alma, nada mais há.

Uma periferia escorre cada vez que, ainda  
que se saiba que há um falo, está longe  
para enxergá-lo.

Outros pequenos pintinhos aparecem aqui  
e ali, alguns imitam o Pau Grande, mas é  
sempre meio estranho. Pinto neurótico.

Algumas bocetas monumentais ergem-se e  
tornam-se novos falos, capitalizadas.

Daqui, são todos tortos, enxerga-se de longe, uma imitação barata.

## **6. Um Corpo sem Pudor (CsP) para atravessar a vida**

*Aí que elas joga o bote  
Pede tapa bem forte  
Quer agressividade  
Então vai tomar (...) <sup>19</sup>*

---

19 Guilherme Sérgio Ramos de Souza. Catucada Profunda. Música. 2021.



Uma música toca lá longe. A vila não se contém na escola, o vileiro não se contém no corpo. Não há diretor de arte que represente uma potência-favela audiovisual. Aparentemente ela não é um lugar. Um livro não senta o leitor em uma casinha fria, nem o que calça chinelos durante o inverno gelado. Não há ingresso que compre a sala úmida, o cheiro de comida requentada, a gritaria ao fundo. Algumas bárbaras barbaridades que se ouvem por lá. Não há registro de correção, não há uma bíblia da favela. A vila desemboca num Corpo sem Pudor (Deleuze; Guattari, **MP3**, p. 16) que pulsa, meio que sem ordem, sem disciplina, desafiando os bons costumes, enquanto brinca de pertencer ao *status quo*. E o que passa, quando ela passa? Dá seus jeitos, resolve suas tretas, dá seus pulos.

Parece importante estabelecer o que são as periferias, afinal, trata-se aqui de uma trajetória acadêmica a ser defendida: Formalmente, tem-se que aparecem nas bordas. Dos círculos, das cidades. Socialmente, entendidas como espaços de

marginalidade, de crimes e desonestidade. Que se afastam do meio, do centro, do falo disciplinador (Deleuze; Guattari, **AE**, p. 362). Um menor. Seria esse então o estudo dos corpos que ocupam esses espaços geográficos? E o que se sabe sobre tais lugares? Qual sua vitrine? Não há hipótese.

Filmes e mídias ocupam-se no ajuste de quais são as aparências que os interessam desta periferia: A favela cinematográfica. Violência, um problema social, um corpo solto, sem nome numa vala. Armamento, drogadição, falta de saneamento básico. Aquela, sim, a vila real. A favela ostentação (afinal, ela venceu!): correntes e dentes de ouro, tráfico de drogas, caminhonete blindada, “combo de Jack, Ciroc, Chandon”<sup>20</sup>. Não importa o lado. Lá não há, não deve, não pode. Uma lista de adjetivos, palavras de ordem (Deleuze; Guattari, **MP2**, p. 17) definem o

---

20 MC Kevinho. O Grave Bater. Música. 2017.

tanto que, o que quer que exista lá, não se forme, não se crie, de inadequado, inconveniente, bagaceiro.

Esses, que não a sentem, buscam que seja curada. Cura do quê? A pior violência da marginalidade afinal é sua existência. De sua resistência e iminência em cada relação. Do que não se diz, do que não se pode, do que está escondido sob a peruca, as calças, os gestos de comportamento impecável. Dorme-se pouco, pega-se um ônibus cedo, trabalha-se mais amanhã. Do mesmo, modo que também afetos aproximam e afagam suas peles. Outro dia, outro dia, outro dia. Um desesperado devir sobrevivente, cada dia uma nova guerrilha, cada criação, um milagre<sup>21</sup>.

O que escapa, no entanto? O que foge ao domínio? Onde se instala a gambiarra? Uma crítica-sintomatológica (De Araujo, **MMP**, p. 70) sacode uma vila, a desacomoda quando é disciplinada. Um

---

21 Notas de aula; Grupo Maquinações, 11/11/2024.

deboche, gana de viver periférica pulsam. Uma ode a que a carne sente, ao grito preso na goela, ao fingimento. Foda-se o teatro. Incomoda-se para viver, porque não há silêncio na intensidade (Deleuze; Guattari, **OQE**, p. 29).

Estar na periferia é nunca ter onde estar. Nem entre as casinhas num beco na beirada da cidade, pobres coitados; nem nos espaços de políticos, de relevantes debates na sociedade, será que não falam aquela língua? Estar à margem, borrar uma imagem para a qual todos posam, fazer graça no canto de uma fotografia, rir bem alto e constranger a performance artística da artista contemporânea que, orgulhosa, faz que sofre na Bienal. Não pedir permissão.

Arrasta-se pela vila um corpo sem órgãos (Deleuze; Guattari, **MP3**, p. 16) que vai se compondo e recompondo pela insistência (Deleuze; Guattari, **OQE**, p; 133), na resistência (Foucault, **MP**, 75). Torna-se mais vivo, porque é carne, é suor e

pulsção. O que lhe preenche são toques, são pulsos, cheiros, movimentos; não teses, artigos, legislações. Cada dia um corre, cada hora uma fuga, cada pausa, máquinas desejanter. Um jeito aqui, um jeito ali. Escorrer pela malandragem da vida, sempre no sussurro da linha de morte, evitar diariamente ser um mané<sup>22</sup>. Ser fluente pra ter prudência, e fazer piada no próprio dialeto (Deleuze; Guattari, **LM**, p. 47).

Vila é um corpo que se move. Compõe-se no tempo-instante em que sobe um cheiro estranho e uma gritaria se instala. O que é? Uma festa? Uma briga? Estardalhaço. Um corpo gigantesco se forma, dançando, deforma-se, espalhado pequenas caras que surgem, as células dançam e batem-se, sobem, descem. Caixas de isopor deslizam, suaves. Ruídos. Som alto. Um eu-vileiro composto por uma massa corpórea, espalhada, que vem, vai, e que de maneira

---

22 Luiz Antônio Feliciano Neguinho da Beija-Flor Marcondes. Música. Malandro é Malandro, Mané é Mané. 1980.

absurda solta gritos, sons, ruídos. Multiplicam-se, entram, saem, somam-se, multiplicam-se (Deleuze; Guattari, **MP1**, p. 17). Soltam-se e somem. Registra-se no que fica no ar, o que passou?

Aê, você sai do gueto,  
mas o gueto nunca sai de você,  
morou irmão?”<sup>23</sup>

E daí sai um vileiro da vila. Ainda que ache um assento numerado vazio onde caiba seu corpo mutante, ainda que sem domínio. Como tirar dele sua vilania, sua *vileirisse*, sua *vilanagem*? Aparenta ser necessário descascar-lhe todas as possíveis violências e privações que tenham passado, o coitado, para que sirva ao mundo civilizado. Todos os dias diabólicos<sup>24</sup> daquela vida cretina.

---

23 Pedro Paulo Soares Pereira e Edivaldo Pereira Alves. Nego Drama. Música. 2002.

24 Mauro Mateus dos Santos. Mun Rá. Música. 2002.

Imponha-lhe que esteja o corpo de pé, ereto, nem que seja necessário cravar-lhe uma estaca de aço na espinha. O violentem para tirá-lo a violência (ainda que não a tenham encontrado). Mas a vila não sai. Está incrustada na pele. E quando menos se espera, ela escapa por uma fresta de onde não fora curada. É sempre um esforço manter presa a tala que segura o dorso. O desejo (Deleuze; Guattari, **AE**, p. 11) de esparramar, deixar escorrer. Um grito, uma risada em explosão, um murro. Atravessam máquinas sobre um devir criança arteira, suja, desarrumada.

É um desde sempre precisar saber lidar com as lições, repressões e reestruturação de seus desejos, para que haja em conformidade com o que a sociedade espera de si, mas a unha suja de terra, a dancinha malcriada continua ali, deliciosa e inebriante potência de vida, de periferia. Um devir-criança que, sem partido ou democracia, solta, sente o vento, bate palmas, observa, com uma atenção

solta e perigosa, a pipa que voa<sup>25</sup>. Uma vida perigosa na periferia da infância. Perigo do desejo, perigo do desagrado, perigo.

E que violência seria falar o que não se deve, abraçar a cada segredo sujo, expô-lo ao mundo, sem que seja numa calada noturna, mas no churrasco do domingo. Drogadição sem drogas que faz o corpo soltar da carne, o quadril soltar das ancas, a alma soltar um grunhido, fazer, ser e deixar rolar.

Quão perigosos são, sempre capazes de deixar alastrar uma crise de riso, afetar corpos em outros corpos, como espirros. Extravasa um devir-capeta (Corazza, **FIE**, p. 53), solto, reviravoltoso. Esú, que estava meio moribundo no canto de um culto. Fazer com que o observador deseje também soltar-se das próprias amarras, deixar vir à tona a própria periferia atada à alma. (Deleuze; Guattari, **LM**, p. 39). Todos os corpos, multidão em êxtase periférico, não

---

25 De Araujo, Anotação de aula. Grupo Maquinatórias. 08/2024.

há mais domínio. Há medo. Como retorna-se à política de silêncio, do imaculado, da civilidade? Melhor não deixar que se espalhem.

*Vários homem bomba pela quebrada*

*Tentando ser certo na linha errada*

*Vários homem bomba, Bumbum Granada*

*Se tem permissão, tamo dando sarrada<sup>26</sup>*

Qual então o manual do que é referência? Qual a receita de um bom sujeito? Como se forma *Alguém*? O Coach manda acordar às 5 da manhã, como se houvesse outra opção. O profeta diz que se deve acreditar no que diz o pastor. Um velho Kant já dizia que razão mesmo é só ele quem tem. Esperto, debochou com maestria à sua época, amigou-se do rei, para registrar seu próprio grito periférico acadêmico. Culpa dele, exista ainda hoje mais uma razão a qual obedecer. A ciência, régia, a razão, pura,

---

26 Danilo Albert Ambrosio. Ponta de Lança. Música. 2000.

para as quais se deve bater continência, se deve dizer obrigada, “como somos gratos pelos manuais”.

Regras de etiqueta que se modificam de tempos em tempos, há sempre novos garfos, os quais se aprender a usar. Seguem uma ABNT esquisita, a nova Norma Regulamentadora, alguma OAB e a Nova Regra Ortográfica. Há cada vez um novo tipo de formato, formação, fôrma. Abre-se um MBA, um novo curso que ensina como chegar lá. Onde? Em geral, fora da vila.

Corre-se atrás de uma fôrma, cadeira, assento, prisão, como se pudesse libertar, desprender a periferia que está amarrada ao pé. Mas não há pé, não há liberdade, porque a marginalidade atravessa, surge, brota. E não há formação que desenforme as capturas libidinais<sup>27</sup> que um corpo carrega em si. Não importa o quanto a favela precise entrar numa caixinha ou casinha estreita. No final do dia, não há

---

27 Notas de aula; Grupo Maquinações, 29/08/2023.

onde ela deva estar. E quando ela se levanta, bom, não há onde caiba.

*Teve o dia que abriu o livro que estava empoeirado no canto. Dormiscou um tantito e acordou já era noite. Carolina<sup>28</sup> abriu a janela do quarto, não era pra ter dormido. Os meninos ainda na rua àquela hora, era coisa de se incomodar com a vizinha. Nisso o nego veio vindo, ô minha nossa, ele vinha, era sangue correndo nas veias.*

*Nem olhou pra janela, safado que era, foi entrando. Arredou a cortina do quarto e a lua fez grande, sabe lá qual era o céu daquele dia. Tava tudo revirado, e ele a revirava mais um pouco, o maldito do homem. A pegou nos pulsos com uma mão só, deu um pega numa ponta que estava solta em cima da mesa, meio apagada. A apertou feito o diabo, o pulso, os olhos e a goela. Suava frio de nervoso e tesão, tava tudo errado. As crianças gritando no beco vinham vindo.*

*Do mesmo jeito que veio, foi-se embora o maldito.*

---

28 Carolina, personagem de Quarto de Despejo - Maria Carolina de Jesus.

## **Pausa: Uma desgraçada dum batida faz suar o corpo da pesquisa**

Um corpo demoníaco se agita, pelos quadris, movido não sei de onde, que vem de um escondido DNA. Dessacralizado, ele não respeita, não coreografa. Sexo sem outro, pele sem dono. Suor escorre, sem caminho e pinga.

Olhos fechados, não há ninguém, não há corpo, somente lhe pulsa o útero, dança com o sangue, retumba a pele, que deseja. Escorrem as gotas de vida, ri-se alto, num susto, impulso imprudente, roda, respira, cabelos grudados na nuca, cheira o suor. Mãos, pescoço, bunda, chão. Passa um atravessamento bobo, sexual, transitório, atravessado, performático, mundano e vulgar. Para nenhum público.

O útero, fosse branco, era sagrado.

E sem que se lembre acorda vermelho, num fogo, é paixão e fome não-sei-de-que. Pulsa, bate, martela, incomoda, grita e retumba. Cansaço que agita, beija a vida num suspiro louco, que sustenta a tarde. Café com pão. Sustenta o dia. Enquadra, para desenquadrar.

Tem sede de suor, de batida, de festa. Cada centímetro de pele calculada que escapa a roupa tem o cálculo de uma feroz selvageria. É poder de quem não tem nada a perder, é potência de quem sabe bem que nada é seu.

**7. Tesão: desejo que, se não move o corpo,  
atormenta**

*Já eu, sou poesia tabaco e vinho*

*Dionísio e Baco sozinho*

*no mesmo espaço*

*Hórus fora do ninho*

*Abro o seu caminho*

*Eu sou o canto do mundo*

*E nesse canto do mundo*

*eu me refaço*<sup>29</sup>

---

29 Diogo Álvaro Ferreira Moncorvo. *Esú. Música*. 2017.

Falar bem alto em meio a multidão, se fazer ouvir. Devir-criança que se descontrola quando não lhe dão atenção. O que é necessário para que se diga algo respeitavelmente-coerente-de-vasto-conhecimento-teórico? Uma vida todinha de conter-se: conter o corpo, a vila, a audácia e todas as gesticulações que se agitam em um corpo. Mais do que procurar, estar, mergulhar, viver em seu próprio subdesenvolvimento (Deleuze; Guattari, **LM**, p. 39), vivê-lo intenso.

*Uma professora, cansada, deseja sentar-se no meio da sala e chorar.*

*Uma criança sapateia no meio do supermercado, “eu quero, eu quero, eu quero”, a mãe, envergonhada, “não fui eu quem ensinou assim”.*

*Há um próximo dia.*

*O ônibus, mesmo lotado, sempre volta a passar.*

*Joga o telefone na mesa do chefe, gritou bem alto “atenda você, então, esta merda!”.*

*Uma pomba girou.*



Embora os dias pareçam todos iguais, o corpo que se move através deles redesenha-se a cada passo, a cada noite mal dormida. Pequenos lapsos, distrações de fuga da fôrma e da forma, arrancam mais um pedacinho de cimento da parede, espreme-se na intensidade do tédio dos dias (Deleuze; Guattari, **LM**, p. 28), potência de vida, no cansaço.

*Amante do drama, vem pra minha cama,  
Por querer, sem me perguntar, me fez sofrer  
E eu que me julguei forte, eu que me senti,  
Serei um fraco quando outras delas vir*

*Se o barato é louco e o processo é lento,  
No momento, deixa eu caminhar contra o  
vento  
Do que adianta eu ser durão e o coração ser  
vulnerável?  
O vento não, ele é suave, mas é frio e  
implacável*

*Quente, borrou a letra triste do poeta  
Só, correu no rosto pardo do profeta*

*Verme sai da reta,  
A lágrima de um homem vai cair.*

*Esse é o seu B.O. pra eternidade*<sup>30</sup>

---

30 Pedro Paulo Soares Pereira. Jesus Chorou. Música. 2002.

Uma faísca incomodativa, porém, rompe o silêncio que há na hora de ir para a cama. Ainda que se tenha lutado um dia inteiro para sobreviver mais uma vez, que se tenha dado seus pulos para que a vida seja um pouco mais possível, a caixa aperta um pouco os braços, aperta um pouco o coração.

É preciso encaixar-se a todo tempo? Numa caixa, casa, vazio, num minimalismo de si, mas cheio de outros. Num quarto à noite, devaneios. Desejos amassados ao longo do dia desenham escamas por sobre o lençol suado. Para além do que se fez, do que ficou pra amanhã, o fogo-desejo perturba e queima o tecido. Algo passa. Há um choque vulgar-decência, não importa o travesseiro que se durma. O riso alto de uma pomba-gira retumba nas paredes. É pecado. É gostoso. É desejo. O que se quer mais do que se quer, o que se quer largar? Um tesão pela vida se alastra. Diabólico, desencaixotado, deformado, maléfico (Corazza, **FIE**, p. 19), delicioso. Uma máquina desejanter atravessa

uma noite. Estava mais fácil conformar-se com a fôrma. Melhor dormir.

Deu meia-noite,  
a Lua se escondeu  
Lá na encruzilhada  
Dando sua gargalhada  
Maria Padilha apareceu<sup>31</sup>

Há aquilo que não cabe nos verbos e nos dicionários da Língua Portuguesa. Que gagueja (Deleuze; Guattari, **MP2**, p. 45) na tentativa de ser falado. Corpo, ritmo, eletricidade que o compõe, não busca palavras, não há explicação. Nem tudo consegue ser dito, a linguagem não é vida, ela dá ordens a vida (Deleuze; Guattari, **MP2**, p. 13), mas algo vaza porque é íntimo, profundo (Corazza, **FIE**, p. 47), passa. Escorre, “clara e salgada, tem sabor de mar”<sup>32</sup>. Nem todas as palavras que estão escritas no livro são reais, porque foram corrigidas.

---

31 Ponto de Pomba-Gira. Autor desconhecido.

32 Pedro Paulo Soares Pereira. Jesus Chorou. Música. 2002.

Não há tradução para um grito louco, para uma risada gorda e para uma conversa inconveniente. Um desejo transborda num berro preso, indomável, periférico, que se solta tanto pela boca como pelos braços como pelo corpo, se espalha pela academia, mestrado, doutorado, por paredes pichadas, pelo mundo. Verte pela falta de espaço, decência exigência, ninguém o chamou, não se parece com nada que tenha existido antes, é anômalo, inorgânico, imperfeito (Deleuze; Guattari, **OQF**, p. 194). Escorre pelos dedos que preenchem essas páginas.

Então, que se exploda essa mente desgraçada de tanto pensar, que gesticule incomodavelmente este corpo que não contém a si, que cerre os punhos e grite bem alto, enquanto o padre reza uma missa longa e chata, na troca de sucessivos atos de um teatro respeitável, enquanto os noivos dizem sim, e o professor passa a matéria no quadro. Que se encontre um pequeno grunhido anárquico de deboche e alegria, bastarda, disforme, demoníaca

(Corazza, **FIE**, p. 32) em cada periferia dos livros de sociologia, das roupas caras, dos carros de luxo, sem propósito algum. Que cada vila insista em seu próprio tesão pela vida.

*Um desejo violenta a carne dos dedos  
como dizer o que não se diz?  
o que dizem as vísceras  
agita o corpo e quer atravessar os dentes  
um grito alto, histérico  
um brado retumbado  
de tédio e ódio e saco cheio  
um corpo que não para parado  
os dedos que não cansam de escrever  
não sei o que não sei o que*

*precisa de formato, Gabriela  
precisa de referência, Gabriela  
alguém disse,  
que alguém disse,  
que alguém disse.*

*E que vontade que dá de um deboche  
mandar tudo a puta que pariu  
num domingo cansado, numa vida tão  
chata,  
tão morna, tão correta  
correndo atrás dos seus sonhos*

*precisa ser um soneto, Gabriela  
o groove da cabeça periférica.  
atravessam vozes na cabeça acadêmica  
um som bem alto atravessa a escrita  
hegemônica  
e uma gramática divina atrapalha  
uma poética indução tão diabólica*

*preencha as páginas, Gabriela  
explique a eles, Gabriela  
Seja uma mestra, Gabriela  
pra poder dizer que é*

*a pomba que gira, desacetada  
puta com tanta caixa pra entrar, cortar e  
deformar  
ri, doida, dessa grande besteira  
de dizer o que se precisa dizer*

*roda a saia, Gabriela  
essa merda de dizer pelos dedos  
de conjugar os verbos, acertar os acentos  
convencer do quê?*

*grita na janela, desgraçada  
rasga esse monte de papel velho,  
uma fogueira no meio da sala,  
no meio do Porto, no meio do caos.*

*... tem páginas, tem prazo.  
Tem banca, tem defesa.*

**8. Um monte de não-pode-não-pode-não-pode.  
Nada pode.**

*Por isso o papel ficou pequeno  
Escrevo em paredes,  
Em corpos na plebe  
Na pele,  
na linha tênue da epiderme  
Da alma calma das linhas curvas  
das coxas de Vênus  
Ao menos meu destino  
não está em um astro,*

*casto, basta, basto*<sup>33</sup>

---

33 Diogo Álvaro Ferreira Moncorvo. *Esú. Música*. 2017.

A favela grita, porque vive. E, ainda que morra, faz barulho, e ainda que ame, faz bem alto. Ela brota e rebrota, que renasce a cada dia, que reordena, organiza, desmorona seus próprios comandos. Ressoa, ramifica-se não se sabe por onde (Deleuze; Guattari, **MP1**, p. 21). A vila tem pé, tem joelho e tem alma. Mas não tem modos, nem jeito. Deseduca. O suor escorre na cara, tira a camisa, fala bem alto, chama para a briga. “Já viu a favela quando desce?”, perguntou o professor. Ela transborda, faz o que tem que fazer, revira, desobedece, pega para si, leva embora. E quando retorna, ri alto.

Uma panela chia, cheirando alguma coisa para comer. A mesa está posta, um prato de cada cor, uma alma de cada cor, uma cadeira de cada jeito. O cheiro que vem de todos os lugares, respinga em todas as coisas.

Uma vila não adormece, ela suspira, recolhe-se, e a noite grita, e batuca, e bate na cara, porque não se comporta, não comporta a si própria. Não

suporta e, por isso, transborda. Vive, meio sem saber de que jeito, na base da gambiarra, meio sem um papel para dizê-la como. Ela grita e sussurra. Se forma à medida que se arrasta, se alastra. Balança a goela e os quadris ao ritmo que se apresenta a vida. Há sempre um devir-animalesco, que foge, possui, (Deleuze; Guattari, **LM**, p. 29) que cheira um pouco imoral.

Não se fala tanto pela boca, quanto pelo corpo e aos gritos. Não levam as coisas tanto pelo que dizem os livros e os grandes sábios de outrora, que disseram em latim que não sei o quê, e odiá-los é o que se faz de melhor (Deleuze; Guattari, **LM**, p. 52).

A grande sábia matriarca, avó, num silêncio muitas das vezes bastante ranzinza, delibera sobre vida e a morte dos seus. No pátio dos fundos, entre três ou quatro casinhas dos filhos, brada o berro de uma criança meio chata, com uma chupeta na boca presa numa “flarda” um pouco encardida. Uma música toca ao fundo do porta-malas aberto de um

carro, cuja batida não deixa ouvir sua letra. Cheiro de um osso cozinhando numa panela no fogão a lenha, misturado com a falta de saneamento básico: a vitrine, um problema social. Ri-se alto de uma história miserável de alguém da vizinhança.

A periferia de um livro, de uma página, também grita o que transborda do texto, o que se torna abismo do que se *paragrafa*, salta para a borda. Caem da página, abismados os fatos, que se alargam e afastam o ponto, a pauta, a página e o conto. Num concorda-não-concorda, quem lê, escreve a versão das próprias palavras. Leitor-Escritor, Escriteitor. E o que se deve ao autor? Cai do altar um artista, uma obra com vida-própria (Deleuze; Guattari, **OQF**, p. 193). O que importa é só o que se *paragrafa* no abismo da folha, dobrada, amassada. Batucada com o lápis, rascunho de um pedido, desenho celeste no cantinho, uma lua crescente.

Uma escola de vila, transborda em potência, pois nada tem de mais-que-perfeita. Se não tem

bloco, escreve-se no muro, e se cai o muro, escreve-se na estrada. Não porque lhe permitam, mas porque fala por si. Um barulho que a gramática não cala. Se não tem classes, senta-se a beira da rua. Uma fraternidade que não se vê por aí, algumas vezes um estilete escondido para esclarecer o que se quer. *Escreve-se* na cara, se precisar.

O que se aprende na periferia? Nada que preste, aposto, “um ambiente de assombro e terror, surpresa e perplexidade, que não oferece nenhum apoio com teor de verdade” (Corazza, **FIE**, p. 43). Há algo de perverso no que se aprende pelas ruas e vielas. É perigoso precisar sobreviver, estabelecer seus desejos, contar os segredos mais profundos, não ter um filtro ao qual dever. É perigoso quando, olhando, não se acha como olhar, é estranho, sem órgãos, diabólico, anormal (Corazza, **FIE**, p. 19).

Uma escola periférica, diferente das outras delinquências, embora em todas haja as mesmas, tem algo de solto, desejos riscam aqui, ali, alguma

brecha. Uma poética vileira do deboche se ensina entre as paredes da sala de aula, dentro e fora dos muros. Uma pedagogia monstruosa que atravessa as paredes e as casas, por baixo do chão. Não há dentro e fora. Não há entrar e sair.

Afectos periféricos se formam na pele. E se não há etiqueta para os desejos, que afloram, apenas existem. Num desenho da sala e numa letra de rap e numa batida de funk. Gritaria e ameaça de morte. Numa declaração de amor, toda deformada ortograficamente, numa promessa. Uma vila movimenta-se pela escola e esparrama-se a partir dela. Se aprende muito mais do que dizem os livros (porque lá estão eles, escritos). Na soltura das almas e no fluxo contínuo da vida, que se repete, repete, repete (Deleuze, **DF**, p. 11) e se rompe, há vida. Na alma rompida, há periferia.

Pequenas e grandes pessoas preenchem o espaço da sala de aula. Um avesso cuidado, lealdade de bando. Olhares que falam. Um *groove* alto na

saída da escola, carro de porta-malas aberto. Será que hoje vai ter briga?

Quando um personagem inferniza o pensamento da Educação, não é mais a Aluna-com-problemas que inferniza, mas um pensador que leva a Educação a infernizar-se inteira. (Corazza, **FIE**, p. 51).

Uma massa de corpos - “jovens, são sempre iguais” - escorre pelo portão e toma a esquina e as ruas. É corpo, transforma-se, ruídos. Não houve nenhum tapa, nenhum olhar atravessado. Um momento paixão violenta a rua, se alastra por ela pelo bairro. Um corpo sem nome se produz numa descida da rua, numa esquina de casa, num portão. É visível, mas indizível, íntimo, suave e brutal. Um grande corpo que fala. (Corazza, **FIE**, p. 47).

Aquilo que não é dito, não é erudito, que não consta nos signos, mundano (Deleuze, **PS**, p. 6), não é obedecido pela linguagem (Deleuze; Guattari, **MP2**, p. 12), só resta ser diabólico,

[..] um mal para a civilização, sociedade, outros, si mesmos [...], se lidará com sentidos insanáveis, caóticos, deformados, às avessas, inquietantemente estranhos (Corazza, **FIE**, p. 35, 36).

Ou se categoriza como não formal, uma variação linguística, enunciado, palavra de ordem (Deleuze; Guattari, **MP2**, p. 12). Ou é inadequado, não escolarizado, selvagem. Um gemido que se ouve só quando esconde uma alegria debochada, demonizada, fantasiada de um lamento de vulnerabilidade, formatada na ABNT, capitalizado num filme cafona. Mas não muda o grito, o batuque, o parágrafo, o abismo, a periferia que sempre transbordam.

E, na necessidade de esconder um desbocado, incompreensível urro, resmungo, deboche, cheio de palavras de baixíssimo calão, se aprende um idioma civilizado, para que seja compreensível, aceito pela norma culta, bela, excludente da língua portuguesa, das universidades europeias, seja lá quem for o dono desse dicionário, currículo, manual,

[...] objetos de veneração e horror. O medo de que dele [currículo] temos corporifica nosso desejo de fazer coisas proibidas, ou de ser tal como aquele que é diferente. Ele nos tenta a transgredir os limites curriculares, escolares, pedagógicos, culturais. (Corazza, **FIE**, p. 63)

Preocupação moral, resolvida pela ética cristã, filosofia antiga: encontrar alguma obra de arte, religião, ciência, filosofia, que tenha dito as mesmas selvagerias, com refino, cientistas, de olhos virados, conjugando com muita fluidez, embora sem vida, todo o pretérito-mais-que-perfeito do Indicativo. E desperta o desejo do que é proibido.

Não há silêncio, nem lugares sagrados, porque cada dia vivido é divino. De fato, vive-se, cria-se e as favelas e becos comemoram a si mesmos e seus saberes periféricos recombina-se potentes e atualizam-se a todo tempo.

*Terreno da casa da avó. Meio que todo mundo morando lá. Kátia engravidou do segundo moleque. É sempre uma benção, mais um anjinho do céu, dizia Dona Laura, cada vez que nascia mais um rebento, ainda que contrariada. Lico, pai da criança e caçula de Dona Laura, resolveu que construiria uma casa de material, bem no meio do pátio.*

*- E a casa da vó?*

*- Capaz, vamos deixar uma pecinha pra ela.*

*Nasceu a criança e foi aquele alvoroço. Kimberly Lauara. E o quartinho da avó, de madeira, no fundo do pátio, começou a pegar mofo. E não ia mais ninguém conversar com a pobre. Lhe atacou a rinite. O padre a mandava dar a outra face, como fez Jesus. E todo dia ela orava. Orava, mas sentia-se só. Orava e chorava um pouquinho. Orava e não admitia a fraqueza.*

*Kátia passou uns dias na casa da mãe dela. Mais uma semana e mais um mês. Vinha só pra limpar a casa e deixar comida pro marido e pro outro filho, que ficava mais na rua que em casa, “jogando futebol”, ela me dizia com cara que eu devia entender a ironia. Dona Laura queria saber se já tinham separado de novo. Parece que não. E ela ali, no quartinho.*

*Dia desses mandou chamar a Irene, uma das filhas do meio. Avisou que queria ir morar em sua casa. Estava de saco cheio de só orar. Jesus que lhe entendesse. Mandou que a filha mais velha pegasse uma mala com suas coisas, um punhado de dinheiro que estava na gaveta de cima e o terço abençoado pelo bispo.*

*Mandou também que trocassem a chave do portão e que deixassem dito que ter filho frouxo, tudo bem, mas que essa mulherzinha não lhe ia roubar o terreno.*



## **Conversas Roubadas numa terça-feira, num café caro:**

Uma vileira, um café caro, risada alta. Cacos, angústia, rabiscos, batom vermelho. Muito palavrão inadequado. Como assim, professores dizem esse tipo de coisa? Alma chocolate preto periférico enquanto chove uma chuva quente de fofocas-coisa-mais-feia-essa.

Docentes adocicam os livros de filósofos meio mortos, meio vivos, bagaceiramente. Sustos acadêmicos, atas de café, uma aula muito cara. Açúcar nas cabeças, canivetes nos pneus. Raiva, viço de vida. Afetos que unem o que há de periférico marginal de cada um numa aula-café-encontro. Transtornos multiplicatórios, bandidagem do pensamento, tiros pra cima (ou fogos de artifício?), potência de escrita-alegria. Terça-feira sem juízo.

Pow...Pow...Pow... chegou a droga.

“ouço o barulho daqui, perto da vila, quero buscar, mas não tenho carona, posso fumar mais um cigarro,

dar mais uma banda, beber mais um gole de cachaça, quem sabe dois, ali na esquina. Quem pode pegar, ajuda aí, tio, só dois reais. Vai que dá pra fechar um. Obrigada, tio, valeu”

“tia, eu podia dizer que é pra comer, mas vou falar a real pra ti, é pra comprar cachaça”. - Penúltima cachaça

“Periferia em um café... uma bagunça... alegre... acontece... entre um tá e um tiro... um desejo de bagunçar pra continuar bagunçado...”

## **9. Penúltima Gambiarra –**

Periferizar para continuar periferizando

Peludo,  
um saco mole balança,  
sábio,  
levanta a plateia atenta  
um mucoso,  
vulcânico,  
inflama a pele,  
desnudo,  
cala, de viver, a vontade.

De tanto que espreme  
salta, negra,  
a carnegona  
gorda, que carnuda  
ri-se, toda torta.

Os dentes em cacos,  
seus restos num colar.

Fudida, uma força  
que lhe vem  
da mandíbula rota  
bate o peito,  
retumba em um salto,  
o coração alegre  
pulsação suave.

Desliza na lama  
o verme branco,

um caos de moscas,

nenhuma morta,

voam

completamente doidas

nenhuma presa aos

“ahãms”.

Tudo é vida,

ainda que pareça

podridão.

## **10. Como qualifica-se um texto vileiro?**

*“Se é pelo valor, senhor  
Nóis têm os nossos  
Mas do asfalto pra lá, tio  
Negócios são negócios”<sup>34</sup>*

Quando a vila chega no centro é sempre assim. Na padaria, o pão acabou, só tem bolacha seca. Quando chega a escola, não é mais uma instituição de respeito. Quando chega no empreendimento, o mercado foi *uberizado*.

Na faculdade, estudar não presta mais, quando chega no mestrado, todo mundo já tem, precisa agora ser doutor. Vamos guardando a carteira, que o favelado chegou. “Querido, faltou assinar a documentação de 10 anos atrás”, ninguém sabe pra onde ir, como o expulsa dali? A fila é sempre mais

---

34 Leandro Roque de Oliveira. Nóiz. Música. 2013.

comprida, o despertador toca sempre mais cedo. O único ônibus da manhã já passou.

Pra vila nunca tem lugar, a não ser servindo quem já se esforçou “muito mais”. Obedecer e ser subordinado. Sempre há um outro falo pra tomar a decisão. Não há um dia sem ônibus lotado, bolso furado, calçado apertado.

A potência ferve o sangue, um tá entre os dentes segura a violência, apertada no crachá, de quem precisa ficar: ficar quieto, ficar comportado, pagar o que se deve, a quem tem mais e pode mais.

Um ressentimento-máquina passa, e depois de moída, vira texto, poema, dissertação. Pra ver se convence que presta. É uma outra meritocracia quando se toca na favela. Muita esperta, a universidade, sempre precisa de mais uma explicação.

*Quando eu era criança estava sentada na sala de casa, acho que lendo um livro ou um jornal. Concentrada. Do canto da sala, terrível e nojenta, vinha andando, até chegar a minha mão, uma barata. Ela vinha se arrastando, meio machucada, mas ainda assim sinistra e trazia na pata um pouco de pó. E eu tive um surto, sai gritando pela casa, enlouquecida, fui parar em cima da mesa. E gritava, um escândalo. O tanto que eu gritava, minha mãe ria alto. Ela dizia como tu vai ser adulta, Gabi? Como vai morar sozinha um dia?*

*Adolescente, eu li A Metamorfose, que aliás, eu acho superestimado, e pra mim, o “Grégori” sempre foi uma barata. Eu ficava muito intrigada de como um ser acorda barata, um ser selvagem e poderoso e como essa criatura fica quietinha no canto do quarto, molenga, sem coragem. Esperando que alguém traga um tantinho de lixo. Eu*

*sempre achei um absurdo. Ele podia estar enlouquecido voando, subindo pelas barras das calças, entrando pela nuca e subindo pelas pernas. Voando pelas cabeças. Um ser tão selvagem se resignou a isso?*

*Muito anos depois, já gente grande, fui morar num lugar muito metido a besta. Se chamava Felicitá, veja bem a prepotência do lugar. Eu nunca vi tanta barata na minha vida. Eu acordei algumas vezes inclusive com baratas subindo no meu cabelo. Uma experiência tenebrosa. Mas eu pude aprender algumas coisas sobre mim, sobre as pessoas e sobre as baratas.*

*Descobri que as baratas, eventualmente tem as vísceras verdes. Algumas delas, não todas. Uma coisa muito nojenta, mas ao mesmo tempo muito bonito. Aquilo me intrigava, seduzia e me enchia de nojo. Elas apareciam por tudo. Quanto as pessoas, eu nunca morei num lugar com pessoas com*

*tanto dinheiro. Mas elas não faziam, não agiam, não respeitavam seus próprios desejos. Precisavam de drama e autorização pra tudo. Não vi tanta gente pedindo permissão e ainda assim precisando fazer as coisas escondido.*

*Quando a mim, aprendi a matar baratas, inclusive ganhei muita técnica nesse quesito, acho que hoje posso me considerar adulta.*

*Mas me desculpem esse devaneio.*

chega a ser malandragem  
o que a vida fez  
pra que eu chegasse até aqui  
delinquência no tédio?  
ou Potência Periférica?

surto esquizo no meio da noite  
e uma barata me conta  
porque voa louca  
onde não há mesa para subir.

num chacoalho daqueles  
pra tirar a periferia do corpo  
É marginal o que sai:  
balança um quadril molenga,  
solta-se um risinho do canto da boca.

onde fica o local sagrado  
se cada local é santo?  
riso é reza  
e sobreviver é divino?

suspiro de vida  
batida de um funk,  
um reencontro,  
Herança poética,  
Gramática que, diabólica,  
induz o desejo violento dos dedos  
de escrever o que não pode  
o desbocado e incompreensível  
numa língua maior, bem grande:  
uma dissertação.

o útero que dança com sangue  
dessacralizado  
sem plateia  
num ímpeto imprudente  
suor, cabelo colado na nuca

não se comporta, ao comportar a si  
um vileiro ri bem alto  
estoura a repressão que inflama  
e negra, salta a carnegona.

## ~~Como fazer para si uma Máquina de Escrita Periférica (e dizer do que fez!)~~

### 11. Procedimento de Escrita<sup>35</sup>

*Deixa eu fumar meu beck  
pra ver se eu desestresso  
Por que falar de sentimento  
é sempre tão complexo?*<sup>36</sup>

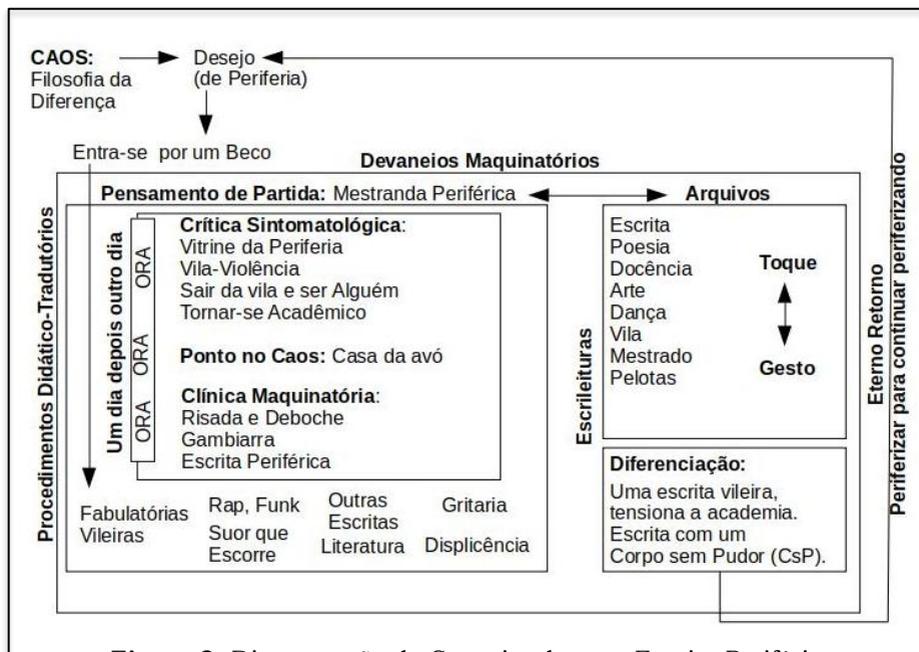
---

35 Por tratar-se de uma compilação dos textos já mencionados neste trabalho, optou-se por referenciar apenas sua localização original, e não as demais citações de autores, .

36 Nilo de Campos Froelich, Davi José Xavier Paiva, Diego Di Marques. Fui MLK. Música. 2024.



## 11.2 Mapa da Periferia



**Figura 2:** Diagramação do Conceito de uma Escrita Periférica

### 11.3 Supra-Citações

Um vileiro entra porta adentro da academia. Foragido, escondido, não sabe como chegou ali, mas encontra quem o deixe ficar. Ainda assim, incomoda, gesticula, fala alto, entre um tiro e um tá. **Um caos de conceitos:** a Filosofia da Diferença (p. 19) sai chutando tudo que conheceu até ali. Um coração abre-se como uma vala, não há nada a perder, batuca no corpo um **Desejo de Periferia** (p. 38).

**Entra-se**, então, na pesquisa **por um beco**. (p. 48). **Devaneios Maquinatorios (p. 36)**, tensão entre uma escrita acadêmica e outra vileira. **Uma Mestranda Periférica, um pensamento de Partida:** “Há de sair da vila para entrar em uma escrita? Caberia a periferia na academia?”, (p. 36). Atira-se numa aventura maquinatória de pesquisa” (p.36). Nada como um dia, após o outro dia.

Ora, sentimentos estranhos reviram-se em **Crítica, Vitrine Sintomatológica** (p. 40) da Vila, a Vila-Violência e uma mídia que sobrevive nesse

espelho. “É preciso sair da vila pra ser “Alguém” (p. 10), um anjinho sentado no ombro, não cansa de repetir, “estudar é revolução” (p.53).

Ora, **um ponto no caos**, “Na casa mofada da avó [onde] novas perguntas vão surgindo” (p. 25), potencializam que “Uma pesquisa espi[e]”(p. 25) e questione “Qual a potência do afecto que afeta a periferia?” (p. 25). “Como se alastra uma sabedoria que escorre dum corpo vileiro?” (p. 26). Uma vileira que saiu da vila e chegou à academia, entre neuroses e esquizofrenias, retorna aos causos, cheiros e sensações. Como quem todos os dias acorda a mesma hora, come o mesmo pão com café (p. 69), toma o mesmo ônibus lotado, enquanto a cabeça se revira em sensações sem nome.

Ora, rabiscando no canto do texto, ensaia-se uma **Clínica Maquinatória**, punhados de saúde, quando “outra {literatura} ainda menor, desafinada, (...) se ramifica por baixo da terra da vila” (p. 27) vai surgindo. Manifesta-se por “Saberes gritões,

estabanados, periféricos [que] tensionam conhecimentos moleculares acadêmicos.” (p. 27).

Ao “**Tocar** nas matérias, **arquivos**.” (p. 36), a pesquisadora “percebe o quanto foram os afectos e perceptos, arquivos que levava em seu corpo, (...) [que] criaram caminhos em sua prática pedagógica.” (p. 31). Assim também como “arquivizações de momentos-escola que, no improviso de uma aula” (p. 32) potencializaram “maiores afectos [que] criavam-se quando as teorias não eram aplicadas” (p. 32). E “índices indicam arquivos, que se alastram não se sabe dizer para onde” (p. 36). Uma artista sem palco, nem picadeiro, vileira longe da vila, poeta sem rima, longe da mãe e da avó resolve dançar a própria vida, (p.18) **escriendo** o que lhe atravessa.

A **Saúde** aparece em registrar os “desafinos, os gemidos, os resmungos”. E procurar por “Onde se escondem os ruídos, e a raiva e as paixões do que fora enquadrado? O que se aprende da periferia, o que um corpo torna periférico em si para enquadrar-

se? Para onde e com que consistência escorre a vila em cada um?” (p. 37).

Aqui, ali vão ramificando letras, que se tornam outras letras de palavras, de funk, de rap, de literatura e de gritaria, que escorrem displicentes como suor em **Fabulatórias Vileiras**, aparecidas, escondidas, roubadas e até mesmo escritas por todo o texto.

**Gestualiza-se**, “uma escrita motivada pelo desejo, sem mapa prévio, [que] articula-se ao Método Maquinatório de Pesquisa para compor com o que vai ramificando-se pela trajetória da escrita, sem uma hierarquia que determine qual o regime de verdade que se estabelecerá,” (p.38).

Acontece, então, “uma **poética periférica, gambiarra, diferenciação**: um modo de pesquisa através dos desajustes (...) [que] são possibilidades de saúde, de desejo, de potência de vida” (p. 40). Considera-se que “talvez haja algo que escorra de saúde, em cada tentativa falha de salvar a favela.” (p.

41), que “Há ainda, algum signo mundano, não-simbólico na perifa. Algo que não tem nome, nem conceito, que, além de geográfico, habita os corpos sem órgãos de cada relação,” (p.43).

Há um movimento de **eterno retorno**, mas ainda que “a vida repita e repita e repita, uma musiquinha cantarola lá no fundo da mente,” (p. 44), “formiga no corpo um desejo sem nome, sem definição. Não sei de quê. Abre-se os olhos, traça-se uma nova linha” (p. 45) e “na potência de sua trajetória, vai inventando novos modos de ser.”, pois “O que um vileiro mais pode, é poder”, já que há “Espaço para a não-ordenação, há poucos estratos na gambiarra vileira.” (p. 49). Um Periferizar para continuar Periferizando: resistência na insistência.

Uma escrita **acadêmica-periférica** acontece com um **Corpo sem Pudor** (p. 56) de pesquisa, compondo-se “nessa estrada de indo e vindo, e tantos “puta-que-paris”, caminhando e recaminhando em seu próprio deserto, [onde]

formam-se pequenas ruelas e becos, linhas de fuga” (p. 51), “Que se afastam do meio, do centro, do falo disciplinador. Um menor.” (p. 57) Há necessidade de “Mais do que procurar, estar, mergulhar, viver em seu próprio “subdesenvolvimento”, vivê-lo intenso.” (p. 70), pois há “na intensidade do tédio dos dias, potência de vida no cansaço.” (p. 72).

Algo acontece, “Não há tradução para um grito louco, para uma risada gorda e para uma conversa inconveniente. Um [próximo] desejo transborda num berro preso, indomável, periférico, que se solta tanto pela boca como pelos braços como pelo corpo, se espalha pela academia, mestrado, doutorado, por paredes pichadas, pelo mundo. Verte pela falta de espaço, decência exigência, ninguém o chamou, não se parece com nada que tenha existido antes, é anômalo, inorgânico, imperfeito. Escorre pelos dedos que preenchem essas páginas.” (p. 76)

Abre-se uma nova viela, mais um buraco no muro em volta da escola, potência de que se

“encontre um pequeno grunhido “anárquico” de deboche e alegria, “bastarda, disforme, demoníaca” em cada periferia dos livros de sociologia, das roupas caras, dos carros de luxo, sem propósito algum. Que cada vila insista em seu próprio tesão pela vida” (p. 76-77), “Há sempre um devir-animalesco, que foge, possui, que cheira um pouco imoral.” (p. 83), pois é “Na soltura das almas e no fluxo contínuo da vida, que se repete, repete, repete e se rompe, há vida. Na alma rompida, [que] há periferia.” (p. 86).

## **12. Referências**

## **Bibliografia**

AQUINO, Julio Groppa; DO VAL, Gisele Maria **Uma ideia de arquivo: contributos para a pesquisa educacional**. *Pedagogía y Saberes*, 49, p. 41-53, 2018. (UIA)

CORAZZA, Sandra Mara (org.). **Breviário dos sonhos em educação**. São Leopoldo: Oikos, 2019. (BS)

CORAZZA, Sandra Mara. **Escreituras: um modo de ler-escrever em meio à vida**. Projeto de Pesquisa Plano de trabalho (Observatório da Educação, Edital 038/2010), apresentados a CAPES-INEP em setembro de 2010. 27p. (Texto digitalizado). (ES)

CORAZZA, Sandra Mara. **Para uma Filosofia de inferno na Educação** - Nietzsche, Deleuze e outros malditos afins. Ed. Autêntica. Belo Horizonte (2017). (FIE)

DE ARAUJO, Róger Albernaz; SANTOS, Tamires Guedes dos; MOTTA, Guilherme Costa da. **Maquinações com arquivos: modos, meios e ritmos**. Campinas, SP: Educação Digital, vol. 25, 2023. (MA)

DE ARAUJO, Róger Albernaz; CORAZZA, Sandra Mara; **Método Maquinatório de Pesquisa**. Pedagogía y Saberes No. 49 Universidad Pedagógica Nacional. Facultad de Educación. 2018, pp. 67-80 (2018). (MMP)

DELEUZE, Gilles. **Diferença e Repetição**. Tradução Luiz Orlandi, Roberto Machado Rio de Janeiro: Ed. Graal. 1988. (DF)

DELEUZE, Gilles. **Nietzsche e a filosofia**. Tradução Edmundo Fernandes Dias e Ruth Joffily Dias. São Paulo: n-1 edições, 2018. (NF)

DELEUZE, Gilles. e GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia. vol. 1**. Tradução Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto, Célia Prado Costa, 2 ed. São Paulo: Ed. 34. 2011. (MP1)

DELEUZE, Gilles. e GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia. vol. 2**. Tradução Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Claudia Leão. São Paulo: Ed. 34. 2011. (MP2)

DELEUZE, Gilles. e GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia. vol. 3**. Tradução Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Netto, Lúcia Claudia Leão. 2 ed. São Paulo: Ed. 34. 2012. (MP3)

DELEUZE, Gilles. e GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia. vol. 4**. Tradução Suely Rolnik. 2 ed. São Paulo: Ed. 34. 2012. (MP4)

DELEUZE, Gilles. e GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia. vol. 5**. Tradução Peter

Pál Pelbart, Janice Caiafa. 2 ed. São Paulo: Ed. 34. 2012. (MP5)

DELEUZE, Gilles. e GUATTARI, Félix. **O que é filosofia.** Tradução Bento Prado Jr., Alberto Alonso Muñoz. 3 ed. Rio de Janeiro: Editora 34. (OQE)

DELEUZE, Gilles. e GUATTARI, Félix. **O anti-édipo: capitalismo e esquizofrenia.** Tradução Luiz. B. L. Orlandi. 2 ed. São Paulo. Editora 34. 2011. (AE)

DELEUZE, Gilles. e GUATTARI, Félix. **Kafka, por uma Literatura Menor.** Tradução: Cíntia Vieira da Silva. Belo Horizonte. Ed. Autêntica. 2023. (LM)

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder.** Tradução Roberto Machado. Paz & Terra, São Paulo. 2001. (MP)

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo:** Diário de uma favelada. 10 ed. São Paulo. Ed. Ática. 2014. (QD)

MONTOITO, Rafael, DE ARAUJO, Róger Albernaz - **Acerca do Limite-do-Homem:** Bart Simpson e Bartleby problematizam os conceitos de moral, niilismo e super-homem em Nietzsche. Revista Hollos, ano 34, vol. 8. 2018. p. 159 a 173. (ALH)

NIETZSCHE, Friederich. **Assim falou Zaratustra:** um livro para todos e para ninguém. Tradução Paulo César de Souza. 1 ed. São Paulo, Companhia de Bolso, 2018. (AFZ)

SANTOS, Tamires Guedes dos. **Menstruatórias:** Improvisação de um Método Cíclico-Espiralado. Tese.

Pelotas: Instituto Federal Sul-rio-grandense, 2024.  
(MCE)

### **Filme:**

Filme Tropa de Elite. Direção de José Padilha. 2007.

### **Músicas:**

Carolina de Oliveira Lourenço (MC Carol) e Léo Justi.  
**Não foi Cabral.** Música. 2016.

Daniilo Albert Ambrosio (Rincón Sapiência). **Ponta de Lança.** Música. 2000.

Diogo Álvaro Ferreira Moncorvo (Baco Exú do Blues).  
**Bluesman.** Música. 2018.

Diogo Álvaro Ferreira Moncorvo (Baco Exú do Blues).  
**Esú.** Música. 2017.

Francisco de Assis França (Chico Science). **Da Lama ao Caos.** Música. 1994.

Gabriel Florêncio Peixoto (DJ Biel do Furduncin,  
Daniel Garcia Felicione Napoleão (Gloria Groovie),  
Paulo Cesar Colombo (Luck Musik). **Furduncin.**  
Música. 2023.

Guilherme Sérgio Ramos de Souza. (MC IG).  
**Catucada Profunda.** Música. 2021.

João Israel Simeão (MC João). **Baile de Favela**. Música. 2016.

Johann Sebastian Bach. **Tocatta and Fugue**. Música. Entre 1703 e 1707.

Kevin Kawan de Azevedo (MC Kevinho). **O Grave Bater**. Música. 2017.

Leandro Roque de Oliveira, (Emicida). **Nóiz**. Música. 2013.

Lennon dos Santos Barbosa Frasseti (L7NNON) e Gabriel Florêncio Peixoto (DJ Biel do Furduncin). **Sei Que Tu Gosta Muito**. Música. 2022.

Ludmila Oliveira da Silva (Ludmilla). **Verdinha**. Música. 2019.

Luiz Antônio Feliciano Neguinho da Beija-Flor Marcondes (Neguinho da Beija-Flor). Música. **Malandro é Malandro, Mané é Mané**. 1980.

Mauro Mateus dos Santos (Sabotage). **Mun Rá**. Música. 2002.

Nilo de Campos Froelich, Davi José Xavier Paiva (MC Paiva ZS), Diego Di Marques. **Fui MLK**. Música. 2024.

Pedro Paulo Soares Pereira (Mano Brown); Josemir Prado. **Diário de um Detento**. Música. 1997.

Pedro Paulo Soares Pereira (Mano Brown). **Jesus Chorou**. Música. 2002.

Pedro Paulo Soares Pereira (Mano Brown); Edivaldo Pereira Alves (Edi Rock). **Nego Drama**. Música. 2002.



